

A ESCRIVIVÊNCIA COMO CHAVE DE LEITURA PARA O POEMA O GRANDE LEVANTE DE SUELI CRESPI

Thaina de Santana Alencar

thaina.desalencar@gmail.com

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo. Este trabalho propõe uma análise interpretativa do poema *O Grande Levante*, parte integrante da obra *"A Mulher de Mil Nomes"* (CRESPI, 2024). A pesquisa, de natureza qualitativa, fundamenta-se na *escrevivência* (EVARISTO, 2020), que oferece uma chave de leitura potente para as vozes e vivências subalternizadas. A metodologia articula a análise textual do poema com arcabouços teóricos que abordam a literatura afro-brasileira (DUARTE, 2010; CUTI, 2010) e o lugar de fala (RIBEIRO, 2020). Como resultado, conclui-se que o poema representa um marco na literatura contemporânea, ao evidenciar, por meio da *escrevivência*, a potência da resistência e da ancestralidade negra, além de ressignificar memória e identidade no contexto de um levante tanto pessoal quanto coletivo.

Palavras-Chave. *Escrevivência, Literatura Afro-Brasileira, Poema.*

Resumen. Este trabajo propone un análisis interpretativo del poema *O Grande Levante*, parte integrante de la obra *"A Mulher de Mil Nomes"* (CRESPI, 2024). La investigación, de naturaleza cualitativa, se fundamenta en la *"escrevivência"* (EVARISTO, 2020), que ofrece una clave de lectura potente para las voces y vivencias subalternizadas. La metodología articula el análisis textual del poema con marcos teóricos que abordan la literatura afro-brasileña (DUARTE, 2010) y el lugar de fala (RIBEIRO, 2020). Como resultado, se concluye que el poema representa un hito en la literatura contemporânea, al evidenciar, por medio de la *"escrevivência"*, la potencia de la resistencia y de la ancestralidade negra, además de resignificar la memoria y la identidad en el contexto de un motín tanto personal como colectivo.

Palabras clave: *Escrevivência, Literatura Afro-Brasileña, Poema.*

1. Considerações iniciais

O poema *O Grande Levante* (CRESPI, 2024) emerge como um poderoso manifesto poético, reverberando as vozes e as lutas das mulheres negras na

contemporaneidade. Inserido em um contexto de crescente reconhecimento das narrativas afrocentradas, o texto se destaca por sua força expressiva e pelo resgate de identidades e legados historicamente silenciados. Considerando o exposto, a proposta deste trabalho é explorar a escrevivência como chave de leitura para desvelar as camadas de significado presentes no poema, compreendendo como a experiência vivida e a memória ancestral se entrelaçam na construção da identidade e na projeção de um futuro de afirmação para mulheres negras. A escrevivência, conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo, transcende a representação literária, configurando-se como um ato de insurgência e de reexistência, onde a escrita se torna o palco para a expressão dos mais diversos temas que circulam a vivência do sujeito que enuncia, desde a celebração da resistência até denúncia de opressões.

Nesse sentido, o *Grande Levante* é um convite à ação, um chamado à memória e uma exaltação da força criativa feminina negra. Nele, é tecida uma narrativa que se alimenta da ancestralidade, evocando nomes de figuras históricas, ao mesmo tempo em que projeta a mulher negra no cenário atual, protagonista de sua própria história. A análise do poema sob a ótica da escrevivência permitirá compreender como a autora utiliza a linguagem poética para dar voz a experiências coletivas e individuais, transformando o ato de escrever em um ato político e de afirmação identitária.

O lançamento da obra “A Mulher de Mil Nomes” (CRESPA, 2024) no Paraná, um estado predominantemente branco, não apenas em sua composição demográfica, mas também em suas estruturas e narrativas hegemônicas, reforça a vitalidade da literatura afro-brasileira regional. Observa-se que, em certas regiões do Sul do Brasil, há uma tendência à super valorização de identidades culturais majoritárias, o que, em algumas instâncias, pode implicar uma menor visibilidade de expressões culturais afro-brasileiras e indígenas. Assim, enfatizamos o pensamento de que,

Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espraia pelas literaturas regionais (DUARTE, 2010, p. 113).

Assim, o poema analisado, ao emergir do contexto paranaense e reverberar as vivências da mulher negra, exemplifica perfeitamente como essa literatura não só existe, mas prospera, enriquecendo o panorama literário nacional com vozes diversas e localizadas.

Para atingir o objetivo, o trabalho será estruturado da seguinte forma: primeiramente, na Metodologia, traremos os procedimentos adotados para a análise, com ênfase na abordagem qualitativa e na aplicação do conceito de escrevivência; em seguida, na seção de Resultados e Discussão, apresentaremos a análise do poema, destacando como elementos como ancestralidade, memória, luta e cultura se manifestam no texto à luz da escrevivência; por fim, nas Considerações Finais, sintetizaremos as principais conclusões do estudo, reiterando a relevância da obra de Sueli Crespa e da escrevivência para a compreensão da literatura contemporânea e das questões raciais e de gênero no Brasil. Este estudo busca, desse modo, refletir sobre o impacto da escrevivência na literatura contemporânea e na construção de novas perspectivas para a leitura e compreensão das produções literárias de autoria negra.

2. Metodologia

A abordagem metodológica para a análise do poema *O Grande Levante* (CRESPA, 2024) baseia-se em uma perspectiva qualitativa, com foco na análise textual e interpretativa. O conceito central que guiará a leitura e a discussão será a escrevivência (EVARISTO, 2020). Essa escolha justifica-se pela intrínseca relação entre a produção literária de Sueli Crespa e as vivências da mulher negra brasileira, que são o cerne da escrevivência como categoria analítica e estética.

Assim, a pesquisa será desenvolvida em três etapas principais. A primeira consiste na articulação do conceito de escrevivência (EVARISTO, 2020) com os de outros teóricos que abordam a literatura afro-brasileira (CUTI, 2010; DUARTE, 2010) a fim de fundamentar teoricamente a análise do poema. Serão consultadas ainda, autoras que discutam a intersecção entre raça e gênero (GONZALEZ, 1984; RIBEIRO, 2020). A segunda etapa consiste em uma análise textual do poema, onde *O Grande Levante* será submetido a uma leitura atenta e detalhada, buscando identificar os elementos formais e temáticos que corroboram a compreensão do texto sob a ótica da escrevivência. Serão investigados aspectos como léxico e semântica por meio da análise de símbolos e alusões presentes no poema, especialmente aquelas que remetem à ancestralidade, à luta, à identidade e à cultura negra. Observa-se elementos que contribuem para a expressividade e a musicalidade que evocam a oralidade e a cultura afro-brasileira. Examina-se ainda a forma como a voz poética

se manifesta, se posiciona e se relaciona com o "eu" coletivo das mulheres negras, evidenciando a dimensão pessoal e política da escrevivência. Observa-se as referências a figuras históricas, artísticas e culturais que enriquecem o universo simbólico do poema e reforçam a construção da identidade negra. Por fim, a terceira etapa consiste na interpretação e discussão, onde, a partir dos dados coletados na análise textual e da revisão bibliográfica, será realizada a interpretação do poema sob a lente da escrevivência. Serão discutidas as seguintes questões: Como o poema materializa a experiência da mulher negra, abordando suas lutas e suas vitórias? De que forma a memória ancestral e a identidade coletiva são elementos constitutivos da escrevivência no poema? Como a linguagem poética é utilizada para subverter narrativas hegemônicas e para afirmar a agência e o protagonismo da mulher negra? Qual a relevância do poema *O Grande Levante* para a literatura contemporânea e para o debate sobre as questões raciais e de gênero no Brasil?

Em suma, esta metodologia permitirá uma análise aprofundada do poema, conectando-o a escrevivência e evidenciando a potência do conceito como ferramenta de leitura e compreensão da produção literária afro-brasileira.

3. Resultados e Discussão

Esta seção se dedica a apresentar e analisar os achados do estudo sobre o poema *O Grande Levante*, à luz da escrevivência como chave de leitura. Aqui, exploraremos como a obra materializa as experiências e vozes das mulheres negras e as intersecções entre ancestralidade, luta e cultura. Não nos limitaremos a uma descrição do poema; em vez disso, buscaremos discutir em como os elementos textuais se articulam para construir uma narrativa de afirmação e resistência.

A literatura brasileira, ao longo de sua história, frequentemente refletiu e perpetuou o racismo estrutural da sociedade, silenciando vozes e construindo representações estereotipadas de pessoas negras. Nesse sentido, "A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado" (CUTI, 2010, p. 41), e é precisamente esse antídoto que vem sendo aplicado por autores negros, que, através de suas obras, expressam orgulho de suas identidades, resgatam suas histórias e propõem novas perspectivas, desconstruindo preconceitos e enriquecendo o panorama literário nacional. Nesse contexto de efervescência e ressignificação, a obra *O Grande Levante*, surge como um dos tantos exemplos do vigor

da literatura afro-brasileira contemporânea, como demonstra nos versos a seguir:

O GRANDE LEVANTE

Lá vem o grande levante,
Se prepare.
Mulheres negras e seus turbantes.
Para você que não tem memória!
Quero falar das mulheres negras da história.
Tem Lélia,
Nzinga,
Nina,
Rainhas,
Poetas,
Guerreiras.
Não me venha com mentiras,
com asneiras.
Na história, as negras são verdadeiras.
Trago comigo
Livros,
Ervas,
Flechas,
Espadas,
Contas,
Lanças.
Vou ocupar meu verdadeiro lugar.
Temos a força do sagrado:
Yansã,
Nanã,
Euá,
Obá.
Vim para lutar
no ritmo da poesia.
Mulher negra
Jejê
Ketu,
Nagô.
Não me venha com esse papo.
Vamos para a roda, te esculacho.
Está fora do tom?
Aprenda com as minas do Baile Bom.
A noite é boa
e Black.
Aqui tem mina de visão,
De origem,
Arte,
Música,
Mina parteira,
Cuidado, aqui é bruxa,
Macumbeira.
Salve!
Na capoeira e
Maculelê,
Axé
Ao candomblé!
Sem comentário, na moral,
Você paga o mó pau.
Essa roda é de resposta,
Toca Maracatu,

Bethânia,
Gal,
Karol,
Lauryn,
Esperanza.
Meu bem, aqui mulheres negras não se cansam.
Então, mano, não se ilude.
São mulheres negras de atitude.
Não esperamos sentadas!
Já trilhamos nossa estrada.
Trago comigo
Filhas,
Filhos.
Essas negras são Benguela,
Mina,
Angola,
Congo.
Mano, nem dê uma de valente,
nós vamos bater de frente.
Engula seus preconceitos,
aqui é do nosso jeito.
Toca um Funk,
Ragga,
Raggae,
Rap.
Mexemos o corpo sem ceder.
As pretas são do rolê.
Sempre pronta,
sem pranto,
essa negra não fica em canto.
Sem pudor,
toca tambor
no ritmo do corpo.
Rainha Africana,
quer o que sempre foi dela:
seu mundo. (CRESPA, 2024, p. 36)

De antemão, sob a perspectiva da escrivência, observamos na obra apresentada, que a voz da autora se entrelaça com as vozes de uma coletividade ancestral e contemporânea de mulheres negras. Os resultados desta leitura mostram como o poema narra além das experiências, as encarna, transformando a palavra em um ato de resistência.

Concordamos com o apontamento para os efeitos violentos da intersecção entre racismo e sexismo na vida da mulher negra (GONZALEZ, 1984), que desvela uma experiência de opressão dupla. Nesse sentido, o poema se destaca precisamente por não focar diretamente nessa violência, mas sim, por exaltar mulheres negras. Ao invés de descrever as dores impostas pela discriminação, a autora do poema opta por sublinhar a força, a ancestralidade, a resiliência e a autonomia feminina negra. O poema, desse modo, constrói

uma narrativa de afirmação identitária subversiva.

Um dos aspectos mais contundentes do poema é a evocação da ancestralidade como pilar da identidade. A menção a figuras como "Lélia, Nzinga, Nina, Rainhas, Poetas, Guerreiras" não é meramente uma lista de nomes, mas um chamado à memória coletiva, um resgate de uma linhagem de mulheres que, em diferentes tempos e contextos, desafiaram opressões e pavimentaram caminhos. A escrevivência, neste ponto, manifesta-se na capacidade da autora de trazer à tona essas memórias silenciadas, reinserindo-as na narrativa histórica e no imaginário coletivo. A poesia, então, torna-se um veículo para a transmissão desse legado, reforçando a ideia de que a mulher negra carrega consigo a sabedoria e a força de suas antepassadas.

A dimensão da luta e da resistência é outro elemento central que se evidencia na análise. O poema, desde seu título, anuncia um "levante", uma insurreição. Quando a autora afirma "Vim para lutar no ritmo da poesia", também reafirma que, "E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também" (EVARISTO, 2020, p. 30). Outras passagens do poema, como "Vamos para a roda, te esculacho", e "nós vamos bater de frente" expressam uma postura ativa e combativa. A escrevivência, assim, se traduz na recusa em aceitar a passividade e na afirmação da agência da mulher negra. A luta abrange a batalha por reconhecimento, por espaço, por dignidade e pelo direito de narrar a própria história. O poema se configura, desse modo, como um grito de guerra, um convite à mobilização e à união.

A cultura afro-brasileira emerge como um elemento intrínseco à escrevivência do poema. As referências a "turbantes", "ervas, flechas, espadas, contas, lanças", a divindades do Candomblé como "Yansã, Nanã, Euá, Obá", e a manifestações culturais como "capoeira e Maculelê", "Maracatu", "Funk, Ragga, Raggae, Rap", "Baile Bom", são substanciais no quesito identidade da mulher negra. Essa riqueza de elementos encontra ressonância direta na vasta herança trazida para o Novo Mundo, pois, "A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Novo Mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre à oralidade" (DUARTE, 2010, p. 123). Pontuamos, ainda, que ao empregar gírias e elementos da oralidade no poema, a autora estabelece uma conexão com a proposição: "Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade,

a partir da dinâmica de linguagem do povo" (EVARISTO, 2020, p. 42). Tais expressões proporcionam mais fluidez ao texto, conferindo autenticidade à voz poética e inserindo o texto em um contexto cultural específico. A incorporação de versos como "Sem comentário, na moral, / Você paga o mó pau", "Essa roda é de responsa," e o uso de termos como "mano e mina," demonstra uma escolha estilística que não apenas mobiliza uma realidade linguística própria da oralidade presente no universo periférico urbano, mas também questiona a hegemonia da norma culta, que historicamente marginalizou vozes populares. Desse modo, a iniciativa criativa da poetisa constitui um ato político e estético, aproximando a literatura da vivência cotidiana e da riqueza da fala popular. Essa estratégia alinha-se intrinsecamente com a visão da escrevivência, de uma produção literária enraizada nas experiências e na dinâmica oral do povo. Assim, o poema, tece sentidos multifacetados no presente, além de fazer reverência e perpetuar um legado ancestral frequentemente enraizado na oralidade, mas que ganha nova vida e força também através da palavra grafada no papel.

A questão da autoafirmação perpassa todo o poema. A mulher negra é retratada como "mina de visão, de origem, arte, música, mina parteira", "bruxa, Macumbeira", "Rainha Africana". Há uma evidente rejeição à imagem estereotipada e subalterna, e uma valorização da complexidade e da multiplicidade da identidade feminina negra. A escrevivência, aqui, se manifesta como ato de reescrever a própria narrativa, de reocupar o "verdadeiro lugar" e de derrubar os "preconceitos", afinal, pensar o lugar de fala é romper com o silêncio imposto para quem foi subalternizado (RIBEIRO, 2020, p. 89). Nesse sentido, quando o eu-lírico no poema afirma que "quer o que sempre foi dela: seu mundo", está poeticamente materializando o rompimento com o silêncio secularmente instaurado a mulheres negras.

A escrevivência estabelece uma profunda fusão entre a experiência individual e a vivência coletiva. Ao tratar sobre o processo de construção de suas personagens, a idealizadora do conceito de escrevivência aponta que "São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença" (EVARISTO, 2020, p. 31). Essa perspectiva evidencia que a produção literária está intrinsecamente ligada à identidade e à memória de um grupo. No poema analisado, essa intersecção é manifesta: a voz poética, embora singular, ecoa as experiências de inúmeras mulheres negras. As referências à ancestralidade, às divindades do Candomblé e às diversas expressões culturais afro-brasileiras confirmam que o eu-lírico da autora se

integra ao "nós" de uma comunidade vasta, cuja luta e reivindicação de seu "mundo" são intrínsecas à própria escrevivência da obra. Nesse sentido, a escrevivência não é apenas a escrita da experiência individual, mas a escrita imersa e nutrida pela coletividade cultural. O corpo, o som, o ritmo, as religiões de matriz africana são incorporados à linguagem poética, criando um universo afrocentrado simbólico e rico.

O Grande Levante demonstra de forma vívida a capacidade da escrevivência de subverter narrativas hegemônicas. Ao trazer para o centro do palco as vozes e experiências das mulheres negras, o poema contesta a hegemonia que historicamente dominaram a produção literária e o imaginário social. O poema observado é um ato de descolonização do pensamento e da linguagem, que rompe com os cânones estabelecidos e propõe novas formas de ler e compreender o mundo a partir de uma perspectiva afro-diaspórica.

Em suma, os resultados da análise confirmam que *O Grande Levante* é um exemplar potente da escrevivência. O poema é um grito que ecoa a ancestralidade, a luta e a cultura negra, reafirmando sua presença e sua voz no cenário contemporâneo. Assim, a obra, através da escrevivência, documenta e transforma a realidade, convidando o leitor a um novo olhar e a uma nova escuta das narrativas afro-brasileiras.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, propusemo-nos a analisar o poema *O Grande Levante* (CRESPA, 2024) sob a ótica da escrevivência (Evaristo, 2020). Iniciamos nossa jornada na Introdução, onde contextualizamos o estudo. Em seguida, na seção de Metodologia, detalhamos os procedimentos de nossa análise qualitativa, pautada na leitura do poema e na fundamentação teórica sobre a escrevivência e a literatura afro-brasileira. Posteriormente, na etapa de Resultados e Discussão, mergulhamos no poema, desvelando suas camadas de significado.

O poema *O Grande Levante*, quando lido à luz do conceito de escrevivência, revelou-se muito mais do que uma peça literária; ele configurou-se como um ato político e estético de profundo significado. A análise empreendida demonstrou como a autora tece uma narrativa poética que transcende a mera representação, encarnando as vivências, as

memórias e as lutas das mulheres negras.

A escrevivência no poema é manifesta na forma como a ancestralidade é evocada, vivida e incorporada à identidade presente. Nomes como Lélia, Nzinga e Nina, além de referências históricas, se tornam parte intrínseca da linhagem de força e resistência que as mulheres negras contemporâneas carregam. Essa conexão com o passado não é nostálgica, é um combustível para o "levante" no presente, uma fonte de sabedoria e coragem para enfrentar os desafios que estão à frente.

A dimensão da luta e da resistência perpassa cada verso, transformando o poema em um manifesto. A voz poética se posiciona de forma ativa e combativa, rejeitando a submissão e afirmando o protagonismo da mulher negra em sua própria história. A escrevivência, nesse contexto, é um ato de insurgência, uma ferramenta para romper com o silenciamento e para reivindicar o lugar que historicamente lhes foi negado.

Ademais, a profunda imersão na cultura afro-brasileira emerge como um pilar fundamental da escrevivência da autora Sueli Crespa. As referências a elementos religiosos, musicais, artísticos e rituais trazem a essência da identidade que o poema enaltece. Ao valorizar e visibilizar essa riqueza cultural, a autora contribui para a descolonização do imaginário, ressaltando a beleza e a potência da herança africana.

O Grande Levante é, portanto, um testemunho eloquente da capacidade da escrevivência de reconfigurar narrativas, dando voz e corpo às experiências das mulheres negras. O poema subverte os cânones eurocêntricos e patriarcais, propondo uma nova perspectiva de leitura e de compreensão do mundo. A obra, desse modo, não se limita a documentar a realidade, mas atua sobre ela, incitando à reflexão, à identificação e à ação.

Em síntese, a escrevivência se revela como a chave essencial para desvelar as múltiplas camadas de significado presentes em *O Grande Levante*. O poema, salientamos, é um convite irrecusável para um olhar mais atento e sensível às narrativas afro-brasileiras, reiterando a urgência e a relevância de uma literatura que surge do lugar da vivência e se

irradia como força transformadora.

5. Referências

CRESPIA, Sueli. **A Mulher de Mil Nomes**. Curitiba: Donizela, 2024.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**: consciência em debate. São Paulo: Selo negro, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. Terceira Margem, Rio de Janeiro, n. 23, jul./dez. 2010.

EVARISTO, Conceição. A escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, Cap. 2. p. 27-46, 2020. Disponível em:
<<https://fundacaoitau.org.br/observatorio/biblioteca/escrivivencia-a-escrita-de-nos-reflexoes-sobre-a-obra-de-conceicao-evaristo>> Acesso em: 05 mai. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, 1984.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020.